CARTA

A O

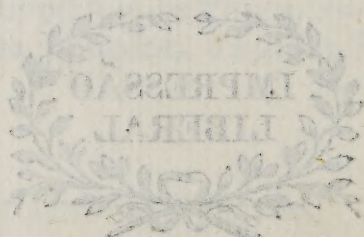
SENHOR REDACTOR

D O

DIARIO DO GOVERNO

E aos outros contadores de patranhas
D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas.

LISBOA,

ANNO 1822.

Rua Formosa N.° 42.

CARTA
AO
SENHOR REDACTOR
DO DIARIO DO GOVERNO

E aos outros contadores de patranhas
D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas.

Forno do Tijollo 29 de Dezembro
de 1821.

Eu creio que ainda he maior attentado anti-Constitucional illudir a Nação, que aterrar a Nação. O terror póde acautelá-la; a illusão sempre a expõe, e compromette. O medo póde inspirar actividade, a illusão, apathia. Se o Escrivão da Camara de Abrantes, nos não viesse aqui dizer = lá estão os farroupilhas Girondezes = viamos, sem saber como, o Junot no Rocio com sua jaqueta verde, e o cavallo furtado em Santarem ao Capitão Mór d'Aviz, e atraz delle a cambada mendicante, dahi a oito dias gordos como porcos de vara. Senão fosse aquella indicação positiva do deligente Escriba, a Corte ficaria em Mafra, e não se obviarião tantas, e tão impendentes ruinas. O estado da incerteza he o mais violento de todos os males. Não quero que me embalem com esperanças facticias; quero que me desenganem ainda á custas dos mais pezados trabalhos, e insoffriveis incommodos. Julgo que estes são os sentimentos de alguns homens que ainda se deixão levar pelos invariaveis principios da verdade. Quem ignora a convulsão

dos povos, e a oscilação da Europa? Pois porque se hade illudir até com puerilidades a Nação Portugueza? Por ventura he toda ella composta de *Corcundas* pusillanimes? Que injuria! *Tenhamos as nossas Cortes, seremos quaes fomos nos dias da nossa Gloria.* = Isto se nos disse no eloquente Manifesto; e onde torna a haver *Lopos Barrigas*, *e Mens Lopes Carrascos*, que merecêrão Odes a Antonio Diniz, que medo póde haver de que os Gallegos se levantem ou estejão assentados? Porque se não hade fallar verdade? Se apparecer ahi huma carta, ou hum papel que diga = Na noite de 11 de Dezembro entrárão em Madrid dois Postilhões com despachos de tal natureza que as Cortes se juntárão a essa hora, a tropa se poz em armas, e o povo em motim cercou o Salão das Cortes gritando em altas vozes que se lhe mostrasse o conteudo nos Despachos, que as Cortes não quizerão, e que o motim continuou ainda: que o Principe de Eckmul, que dizem estava há mezes olhando para a peste *nos Pyrineos Occidentaes*, fizera mover huma columna de 40$, por ventura são isto cousas que os Castelhanos se devão occultar a si mesmos, ou he toleravel que a sua Cohorte Periodiqueira transvista, e altere tudo isto, recorrendo ao ordinario retornello, que já fede, de que são noticias espalhadas pelos inimigos da Patria satelites, e fautores do Despotismo? Para que serve esta impostura? Para que os Castelhanos adormeção sobre os seus verdadeiros interesses, para que se não unão e armem em defensa do divinal Systema Constitucional, que tem salvado aquella Liberal, e generosa Nação do *abysmo* em que a *prepotencia*, *e arbitrariedade* a havião lançado, *paralysando-lhe o seu commercio as suas artes*, tirando-lhe a *centralidade* do poder, e reduzindo todos os Castelhanos de ambos os Mundos ao estado de *oppressão*, *miseria*, *e servilismo* (corcundismo entre nós) em que se virão nos *minguados* dias do narigudo Carlos III. Podemos á vista disto dizer, que os verdadeiros inimigos da Patria são os homens dos Periodicos; porque põe os outros homens que não são Periodicos, de má fé, obrigando-os a dizer, cheios de indignação: = Pois he possivel que estes Diabos estejão negando em letra redonda, o que nós estamos vendo com os nossos olhos rasgados, e abertos? Assim ouvi bradar metade do povo, quando o Marcineiro do Loreto disse na Mara, foninha de porta aberta, que no primeiro recontro que tivera *Pepe Flo-*

restão com os botas Alemães lhe fizera = *treze mil e duzentos prisioneiros* = cousa que nunca ficou em batalha nehuma neste Mundo, nem na de Borodino. Se houve isto foi na que teve S. Miguel com os Anjos máos, porque como nesta escarapela não morrião os combatentes, os que se poderão pilhar, ficárão prisioneiros, e ainda o estão, porque não havia gente para tróca. Isto disse o Mestre Pedro, e nós todos sabiamos, que a guerra macarronica dos Napolitanos começou, e acabou na galhófa de *Rieti* quando o Tenente General Walmoden disse ao Barão de Frimont = Eu mando ao Major *tal*..... que com dois Batalhões de Caçadores vá vêr o que grita esta canalha. Foi, vio, e acabou-se a guerra; e os marotos dos Croátos com a borracha na mão, marchárão pelos Abruzzos acima, como que entrassem para a taberna.

Ora, Sr. Redactor, este cabeçalho leva-me directamente a V. m., que Deos Guarde. Eu não leio papeis públicos porque não gasto tempo em parvoices, mas por hum acaso, ouvi lêr, e pedi depois o seu papel de Sabbado 29 que he hoje. V. m. já foi coçado com huma carta que se lhe datou de Coimbra, mas aquillo não foi mais que huma amigavel beliscadura; esta lhe vai levar novas de sua Avó.

De todos os males que nos causárão os Francezes, o mais insupportavel para os homens de sizo então existentes, foi o descaramento com que nos tratárão como crianças prometendo-nos bonitos para nos levarem até a camisa do corpo, e para nos indemnisarem do roubo que nos fizerão de toda a prata, e ouro que havia em todo o Reino, e ainda em cima, para resgate das nossas propriedades de quarenta milhões, como se estes não fossem propriedade nossa, nos promettêrão os *Canaes*, *e os Camões*, tirando até ás pobres mulheres o desafogo da missa do Gallo, que a não houve. Esta promessa foi para a Nação mais injuriosa, que o espolio universal. A V. m. não lhe falta mais que fazer-nos destas promessas de *Canaes*, e de *Camões*, porque, pelo que pertence a nos tratar como crianças, tão largo corta neste seu N.° que nos faz esperar que daqui ámanhã nos prometta alguns açoutes senão estivermos calados. Nós temos dous Governos hum Legislativo, outro Executivo; não ha mais Governos; faça-me favor de me dizer a qual dos dous pertence o seu Diario? Isto he hum abuso de palavras. A Gazeta de Lisboa, que não sei quem crismou em

Diario do Governo, he feita, e mandada fazer pelos Officiaes da Secretaria para se lhe continuarem os emolumentos que percebião da Gazeta, que mandavão compôr. Olhe que o seu papel não he outra cousa. Se algum dos dous Governos estabelecidos quizesse publicar hum Jornal que chamasse seu, não falaria com a indignidade, e impostura com que V. m. fala: trataria a Nação franqueza, e generosidade, mostraria que falava a homens, e não a crianças, não se exporia ao ludibrio, mas ao respeito dos homens honrados. Creia, Sr. Redactor, que se não serve bem o systema Constitucional com inepcias, e imposturas. O recurso Francez da mentira descaiada he capaz de aluir as bases do edificio melhor arquitetado. Deixemo-nos de assersões geraes, e vamos a provas particulares.

Meu Santinho, meu escriptor dos innocentes, abro o seu *sincero* Diario a pag. 1032, e vejo o artigo — *Noticias Nacionaes* — Tenho vergonha de copiar tão pueril salgalhada, mas ahi vai. —

« Recebemos em fim dos nossos correspondentes de
» *differentes* partes *a thenticas* noticias *de como* em
» *varias* Cortes foi considerada a presipitação com
» que os Ministros da Austria, e da Russia aban-
» donarão os seus postos movidos de hum *mero* ter-
» ror panico nas vesperas do fausto dia 24 de Agos-
» to. »

Não reparo na modestia com que V. m., alugado Redactor do Diario que foi Gazeta de Lisboa, se nos declara em contacto com as mais notaveis personagens politicas das *varias Cortes*. Isto desafia a primeira gargalhada ao homem tão melancolico como eu. Todos perguntão aqui em Lisboa: — *Quem he ete Redactor?* Porque ninguem o conhece na sua terra, e tem este homem correspondentes em *varias Cortes*!! Como será isto? Como *Cidadão*, ou como Periodiqueiro? Nunca os seus gloriosos predeçessores, e avoengos na mentira tiverão outros correspondentes nas *varias Cortes* mais que os magros papelinhos gazetaes tão futeis, e mentirosos domo os seus, mas comprados com economia chamada mesquinhez pelos Proprietarios do abolido privilegio. Apparece V. m. com estes correspondentes, que na verdade mostra não serem ahi quaesquer homens de capa em collo,

mas sim varões assignalados, porque entrão no conhecimento dos mais profundos mysterios dos mais altos Gabinetes, e para isto he preciso ser mais alguma cousa que o sem nome do Diario do Governo, e senão, vejamos.

" O Imperador, *diz huma Carta* de Petersburgo
" (isto nos dá a entender, que o correspondente he
" Petersburgo) levou muito a mal o inconsiderado
" passo do seu Ministro, que sendo *Autocratico* des-
" lisou daquella céga obediencia, que neste paiz se
" exige de quem come o pão de seu amo. "

Sentado S. M. I. *Autocrata* (Senhor Supremo) em seu Throno Imperial, presentes os do seu Conselho, á direita Capo d'Istria, e á esquerda Pozzo di Borgo, e defronte delle em moxo razo o correspondente do Periodiqueiro do Diario, fazendo publicos os altos conceitos da sua alma autocrata, declarou (e até ao Divan o mandou dizer) que levava muito a mal o inconsiderado passo do Ministro que tinha mandado ao Rio de Janeiro, e pedindo segredo aos seus Ministros, e mandando que se calasse até o Jornalista do Monte Caucaso, pois até agora papel nenhum do mundo falou em similhante cousa, só deo ordem ao correspondente de V. m. para lhe annunciar esta Imperial estranheza em carta fechada; e certamente o Ministro, como era Russo, não se devia hir embora porque comia o pão de seu amo; e V. m. já que come o pão de seus amos, os Officiaes da Secretaria, porque não falla mais verdade, ou porque não deixa de bigodear os homens verdadeiramente Portuguezes irreconciliaveis inimigos da impostura? Queria o Autócrata mostrar ao mundo que levava a mal aquelle procedimento do Ministro, era recambiallo, e no mesmo instante, e pelo mesmo caminho, e como o mesmo Alexandre he mui beato, e escrupuloso, podia para poupar o Ministro ás vaias, e sutaques que os marotos dos corcundas lhe havião dar aqui em Lisboa, além das pulhas dos Arrieiros d'Elvas para cá, e dixotes dos Carecas de Aldea-Galega, que tripulassem a Falua da carreira, mandar outro em seu lugar, e que fosse Russo serrado sem entender Portuguez para não ouvir tambem remoques. O mais que se segue neste notavel §, não o exponho, porque nem eu, nem V. m., nem o Diabo o entende. Algaravia similhante ainda não vio a letra redonda;

mas este he o caracter da impostura, embrulhar-se em retalhos de palavras, que nem syntaxe guardão.

Falou o correspondente da *varia Corte* de Petersburgo, agora vai falar o correspondente da Corte varia da Austria, Corte *corcunda*, porque a estes já eu ouvi chamar Austriacos por hum discreto das Lojas de Livros do Chiado.

> « De Vienna *nos escrevem*, que se bem S. M. I.
> » mandou approvar a conducta do Cavalheiro de
> » *Berkes*, não foi *tão expressivo* a respeito do Barão
> » de *Sturmer*. Isto explica-se, accrescenta a mesma
> » carta, porque o primeiro *obrou* pelas ordens que
> » recebera, he verdade que por ordens procedidas das
> » *falsas informações*. »

Ah! meu Santinho, meu Anginho! Não vê que além da nojenta impostura da Carta de *Vienna* (e eu o desafio para a mostrar por inteiro de modo que faça fé) cahe V. m. em manifesta, e vergonhosa contradicção? Vamos por partes. Mandou S. M. I. approvar o que fez *Berkes* que foi fugir á seixada (cousa que o nosso Governo desapprovou); o *Berkes* não quiz ser Santo Estevão, não esteve para isso e fez bem, porque não digo eu o espavorido *Berkes*, mas o mesmo Montecuculi, Principe Eugenio, e o mesmissimo Esquadrão Palfi fugirião á seixada dos gaiatos de Lisboa. Francisco Imperador teve dó de *Berkes* por se ter visto em calças pardas, ainda que Constitucionaes, e approvou a sua retirada, e que faria elle no tempo das guerras do Alto do Varejão? Mas se o perdão de Francisco recahio sobre o sacco das pedras que lhe appresentou o *Berkes*, que por milagre lhe não quebrárão a cabeça, porque não revogou S. M. I. este perdão sabendo depois que elle lhe déra *falsas informações*? Venha cá sô *Berkes* vossê além de medroso, he mentiroso? Essas pedras apanhou vossê no caminho, quiz sacodir-se de Lisboa com esse pretexto. Pois agora que estou informado da verdade, de que vossê me informára falsamente, vamos já no mesmo instante, pegue nas pedras, vá pôllas no seu lugar, e marche para Lisboa. Vir á augusta presença do meu Throno com huma abada de pedras, e sem huma escalavradura!! Marche..... E onde está o *Berkes*? Onde está o *Sturmer*? Dizem as más linguas, isto he, os *corcundas* que fôra para huma missão Diplomatica de maior

monta; porque com effeito o bom do *Sturmer* he hum dos mais profundos Politicos da Europa. O seu correspondente de Vienna, anonymo, como todos, mente tanto como V. m., ou mente V. m. só, que he o mais certo; e se não, appareça a carta e reconhecida por Tabelião publico de Notas na Cidade de Vienna por S. Magestade que Deos Guarde, &c. E depois hiremos ao Jurî. O fim deste § da carta do correspondente de Vienna he a cousa mais notavel, ou ridicula que se póde offerecer aos olhos dos homens verdadeiros Constitucionaes. Ei-lo-aqui para debique nosso.

« O Principe de *Metternich*, que tinha, e tem vis- » tas mais extensas, não póde vê-las interrompidas » « (os vinculos da amizade diz acima, e na gramma- » tica do Redactor, vinculos he do genero feminino) » por este inexperado acontecimento, sem hum ver- » dadeiro desgosto, *e desgosto que não tem podido* » *dissimular.* »

Ora em quanto a isto, he publico em Vienna que Sua Alteza *Meternich* anda com huma vizeira cahida, e com huma tromba tão comprida, que mette medo. Em vendo o *Berkes* dá urros que parece que arrebenta, e não se póde dissimular apezar de ser hum homem que embaçou *Fouché*, até comprar, e lograr hum homem alma das negociações todas, presidente em *Chefe* de todos os Congressos havidos, e por haver; em vendo o *Berkes* com o taleigo das pedras, não se *pode dissimular.* Mas V. m., Sr. dos correspondentes *das varias Cortes*, confessa com a ingenuidade de hum Santinho que he, que esta tromba indissimulavel do *Metternich*, este desgosto, que lhe sobe ás purpurinas bochechas, lhe provêm *de vêr interrompidos os vinculos de amizade entre as duas Cortes.* Logo declara V. m. e (aos bons entendedores meia palavra basta,) que se tomou em trambolho o saquitel das ameixas que levou o *Berkes*, e que por tanto esta interrupção dos vinculos de amizade he huma tacita declaração de inimizade, e isto não he bom, Sr. Redactor; se nós nos não mettemos com as outras Potencias, tambem não queremos, que ellas venhão cá metter a sua colherada. O *Metternich* se se desgosta tanto do rompimento, e quebradas relações das duas Cortes, Germana, e Lusitana, com a sua alta influencia no Ministerio, pegue no poltrão do *Ber-*

kes, e torne a mandallo para o seu *posto*, que tão cobardemente abandonou; com a vinda do *Berkes*, com a sua trôxa, se desvanecia o receio de huma escarapela entre as duas Nações Alliadas até por titulos sagrados de parentesco, ainda que a mim se me não dava disso, o peor he mostrar medo á vista de hum motivo tão ridiculo como o mexirico do intrigante *Berkes*, pois, como V. m. diz com tanta verdade como costuma, que elle *Berkes* com as suas *falsas informações* foi desafiar a ira de Francisco, e os desgostos, e carrancas do *Metternich*. Mas o seu seguinte § deita a perder tudo isto, ao menos nos faz vêr que os focinhos que faz o *Metternich* são fingidos; vejamos esta salgalhada, se dá fio a que nos possamos atêr para conhecimento de causa. Diz V. m., meu Santinho, mais abaixo.

« O certo he, que em ambas as Cortes Imperiaes
» os nossos Ministro, são tratados com a mesma con-
» sideração com que antes érão, e constantemente
» tem sido acolhidos. »

Agora preguntára eu aos seus correspondentes das *varias* Cortes, porque este de Vienna não saberá o que sabe o de Petersburgo, (salvo separa escreverem a V. m, primeiro se correspondem entre si,) quaes Ministros? Os que lá estavão, ou os que de cá ainda não forão? Ah! meu Santinho, meu Santinho, aqui tinha eu muito que dizer, mas só lhe digo que dando-se ao Soldado Portuguez hum pão muito massudo, hum soldo muito grosso, e muito certo, e huma honra muito verdadeira, podiamos dizer ao mar que ronque, e não são precisas patranhas, imposturas, embrulhadas de palavras, frazes que nada significão, esperanças que não tem motivo para conservar a integridade, a independencia, a Soberania da Nação, como se manteve em crises mais horrorosas, em tempos mais dificeis, com inimigos mais poderosos, e Diplomatas tão finos como D. Luiz de Haro, e Mazzarini, que no alto dos Pyreneos soubemos empanzinar. Dem-me trinta Batalhões de Caçadores, e fortifiquem-se os pontos defensaveis que eu marcar no Reino, e deitemo-nos a dormir, e façamos de nosso vagar a Constituição á nossa vontade. Nenhum nariz de Futre se nos metia cá. Meu rico Anjo, razões não fazem sôpas. Quando os Judeos sahirão de Babylonia para Jerusalem, tinhão duas mãos. *Una manus*

faciebat opus, et altera tenebat gladium: como V. m. não sabe Latim, eu lho ponho em Romance: Com huma das mãos edificavão as muralhas da Cidade, e com a outra que tinha a espada se defendião de seus inimigos. Entende agora, Sr. Santinho! Olhe que as trombas, caretas, e carantonhas, desgostos, e ameaços do Metternich não se desvanecem com diluvios de papeis Periodicos, e em lugar de vêr huma Legião de Bacalhoeiros sentados nos costaes, e huma falange de Capelistas repimpados no balcão, e huma tempestade de Mercadores apoiados ao recto e aferido covado, a lerem os papeis do dia, e nelles as mentiras da noite, desejava vêr huma força com regularidade, e hum Patriotismo com intelligencia. Mas vamos ao fio da nossa Historia.

Se V. m. diz neste § que os nossos Ministros são bem acolhidos nas duas Cortes Imperiaes, para que diz no de cima, que estão interrompidos os vinculos de amizade entre as duas Cortes? Porque tanto mente no § de cima, como no § debaixo, e em ambos elles não sabe o que diz, nem como embale os seus meninos para os fazer adormecer. Em hum Governo Liberal, em hum Systema Constitucional, não se mente; o seu primeiro tymbre deve ser a franqueza, e a sinceridade.

Ora vamos até aos Paizes-Baixos, ainda que nestes tenha naufragado muita gente, e nelles teve V. m. e tem grandes correspondencias, e correspondentes. Que homem tão grande, e tão extraordinario he V. m.! Bonaparte não tinha mais espias, commissarios, e propagandistas pelas *diversas* Cortes, do que V. m. tem de correspondentes que lhe digão até o que os differentes Monarcas cuidão, e fallão com os seus respectivos travesseiros. Diga-me, tambem tem correspondentes no Congresso de Cythéra? Aqui de certo; e em Marrocos, tambem os tem? Mas vamos aos Paizes-Baixos. V. m. parece-me o Oliva, que Deos haja.

> « Dos Paizes-Baixos nos consta por pessoa mui » *chegada* á nossa Legação, que o Barão de *Nagal* » sem approvar, nem desapprovar a conducta dos » dois Enviados *respondeo* ao nosso » (então que lhe perguntou o nosso! Que miseria!) « que se persua- » dia que se em Lisboa houvesse naquella épocha, » (da seixada) hum Ministro dos Paizes-Baixos, » certamente não imitaria os dois Imperiaes. »

O Sr. *Nagal* conta bem com as contigencias? Quem lhe disse que o Hollandez que cá estivesse quereria com muita paciencia ser apedrejado? Mas que prova o *Nagal* com esta sua persuasão sobre a paciencia do Hollandez que se cá estivesse lhe quebrassem a cabeça? Prova isto que se não deve ressentir a *varia* Corte de Vienna á vista da alforjada de pedras que o maganão do *Berkes* lhe apresentou? Sr. Santinho, olhe que ha quem leia com attenção até as mais calvas parvoices. Sim Sr., he justo que fiquemos muito descançados, que nada nos dê cuidado porque o *Nagal* de Bruxellas disse, que se persuadia que se o Ministro Belga fosse corrido á pedra não se hia embora. Cuidemos nós antes em desfazer a intriga do *Berkes*, que he *palife*! ou em repellir com força os seus resultados, se as nossas tão assisadas como justas satisfações não tiverem o desejado effeito. Ora era carta que eu desejava que V. m. me mostrasse! Sou curioso dessas Notas Diplomaticas. Ella certamente diz. — « Meu amigo e Sr. da » minha maior veneração, e respeito, dezejo-lhe saude, e » ao fazer desta, louvado Deos, passo bem, os pequenos » com defluxo, e a minha Senhora se recommenda. Foi o » nosso Ministro a casa de Nagal Ministro, e perguntou- » lhe se em Lisboa estivesse hum Ministro dos seus Paizes- » Baixos, e a gaiatada o corresse á pedra, elle ficaria em » Lisboa esperando por outra? *Nagal respondeo ao nosso* » *&c.* — » Com o que V. m. accrescenta, e eu transcrevo, aposto que adivinhei a nota da carta! Ah! meu Santinho! Isto hé para rapazes, não he para homens que põe a navalha na cara, e para pessoas de Communhão.

Agora torna V. m. para França; porque indo de Vienna para os Paizes-Baixos, ficava-lhe em caminho, escusava de tornar para traz. Será V. m. caranguejo? Vamos á França ahi vai.

> « Ainda mais lisongeiras são as expressões com » que segundo nos assevéra *o nosso correspondente* » *de Pariz (mais hum correspondente do Periodi-* » *queiro alugado de Lisboa)* respondeo Mr. de *Pas-* » *quier (a quem? quem lhe perguntou similhante* » *cousa?)* A conducta, disse elle, do nosso Encarre- » gado dos Negocios terá provado a Portugal, que » a França nenhuma idéa tem de intervir *nos nego-* » *cios internos do Paiz (e seria hum desaforo virem*

» *cá os Francezes outra vez governar em nossas ca-*
» *sas.*) »

Isto enfada até a copiar! Estes malditos correspondentes do miseravel Redactor do Diario, e seus Ajudantes, arrancão aos differentes Ministros de Estado nas *varias Cortes* palavra por palavra os seus mais reconditos sentimentos. He preciso fazermos esta inducção. == He correspondente do Periodiqueiro do Diario? Logo está no mais estreito contacto com os primeiros Ministros de Estado de todas as Potencias Européas, e ultra-Européas. Dar-se-há caso que V. m. dê credenciaes, e recredenciaes aos seus correspondentes com a clausula de serem admittidos a todos os Conselhos de Gabinete, e que os Soberanos da Europa os recebão porque V. m. assim o manda para que as suas intimas, e officiaes communicações venhão afformozear a sua folha e meia?

De França faz V. m. caminho pela Hespanha, e nota mui judiciosamente, como costuma, os motivos da amizade que cada dia se estreita mais entre estas duas Nações analogas, que por amizade liberalmente se estão copiando, vindo a ser pela primeira vez o amor hum Plagiario. As suas palavras, meu innocente Santinho, são melhores que todos os discursos, e reflexões que eu possa fazer.

> « S. M. F. para dar ao Governo de S. M. C.
> » hum testemunho da alta consideração em que
> » sempre teve a Nação Hespanhola, apar das pri-
> » meiras da Europa, e *aconteeendo*, que os En-
> » carregados *desta Corte (da Hespanhola que o re-*
> » *lativo he para o mais proximo)* junto ás de Lon-
> » dres, e Pariz, se achavão condecorados com o
> » titulo de seu Conselho, e Commendas honorificas
> » (*honorificas só não he muito bom*) houve por
> » bem conceder as mesmas honras ao benemerito
> » Cavalleiro Manoel Pereira. »

Isto em lugar de estreitar os vinculos de amizade entre as duas Nações Constitucionaes, he ultrajar a Hespanha. Pois a prova da consideração he dar huma Commenda honoraria a Manoel Pereira? Os Filosofos Mestres, e modellos da Regeneração Politica dos Povos olhão para es-

tas bagatellas? He o sujeito, que faz o merecimento, e não huma chapa disto ou daquillo, cozida no sobretudo. Se isto são provas da consideração que se tem pela briosa, filosofa, e liberal Nação Hespanhola, então era melhor mandar-lhe alguns daquelles que por ahi andão a pedir esmolla vindos do Rio de Janeiro, com tantas chapas, medalhas, e signaes pendentes que me parecem destes pobres Romeiros de Santiago com hum embréxado de conchas no mantelete de coiro, ou como appareceo aqui pintado o Lord que já trazia Habitos na retaguarda por não se poderem metter em linha pela frente. Só hum juizo como o seu Sr. Santinho se podia lembrar deste motivo. Visto Manoel Pereira ir enfeitadinho com hum crachá honorario tem provado a Nação Portugueza que considera tanto a Nação Hespanhola, como considera a Nação Bretan, e a Nação Galla. Ora que dirão estas tres Nações á vista das parvoices do nosso *Diarista do Governo*? Os que estamos ainda no berço da civilisação, ou que nos deixou cá Junot o Tribunal da impostura com que pertendião embair os parvoinhos dos Portuguezes.

Sr. Redactor, fica para a materia de segunda Carta a noticia que neste mesmo seu N.º fecundo nos dá da Galiza, Mina, e Sr. Latre, ainda que esteja occupado em manifestar aos olhos do mundo o Pato, não só sem pennas, mas até sem pelo. Fico para o servir.

Forno do Tijollo. *Era ut supra.*